

EQUIDADE

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA DEVE SER COMPROMISSO DA GESTÃO

1

>> Pandemia agravou as desigualdades entre estudantes negros e brancos

2

>> Escola precisa avaliar suas práticas sobre as relações raciais para combater o racismo

3

>> Ações para uma educação antirracista devem integrar projeto político pedagógico

Se antes da pandemia os indicadores educacionais já eram desfavoráveis para a população negra – que detém as maiores taxas de exclusão escolar, reprovação e distorção idade-série do país –, a suspensão das aulas presenciais agravou essa situação. Como, em média, os estudantes negros encontram-se em situação de maior vulnerabilidade social e possuem menos acesso a computadores e internet, tiveram mais dificuldades para acompanhar as atividades remotas realizadas pelas escolas nesse período e seguir aprendendo.

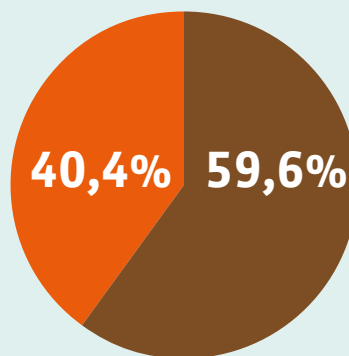
Uma [análise](#) feita pelo Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap) e pela Rede de Pesquisa Solidária com base nas informações da Pnad-Covid do IBGE aponta que quase 5,8 milhões de estudantes ficaram sem atividade escolar durante esse período. Desses, 4,3 milhões (74,3%) eram pretos, pardos e indígenas – quase o triplo da quantidade de brancos na mesma situação.

O APROFUNDAMENTO DAS DESIGUALDADES RACIAIS ENTRE ESTUDANTES NA PANDEMIA

TOTAL DE MATRICULADOS

28.524.412

brancos
11.529.066



não brancos
16.995.346



alunos de 15 a 17 anos que ficaram sem atividade escolar

1,2 MILHÃO

não brancos

430 MIL

brancos

**NÃO TIVERAM
NENHUMA
ATIVIDADE ESCOLAR**

	brancos		não brancos	total
total	1.491.360	26% 74%	4.301.795	1.884.044
6 a 10 anos	604.838	27% 73%	1.627.329	436.383
11 a 14 anos	450.139	24% 76%	1.433.905	1.884.044
15 a 17 anos	436.383	26% 74%	1.240.561	1.676.944

Fonte: Rede de Pesquisa Solidária - Boletim nº. 22 - 28/08/2020 (a partir de informações da Pnad-Covid do IBGE de julho/2020)

Enfrentar esse cenário de desigualdades raciais existente nas escolas de todo o país – reflexo do racismo que permeia todos os campos da sociedade brasileira – demanda políticas coordenadas e contínuas desde o nível da gestão do sistema até a escola e sala de aula. A promulgação da Lei nº 10.639/ 2003, que tornou obrigatório o ensino de história e de cultura africana e afro-brasileira nas escolas, assim como a instituição das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana representaram conquistas e passos importante nesse sentido, constituindo-se como marcos normativos fundamentais. Mas ainda estão longes de serem uma realidade nas escolas, e aí os diretores desempenham papel central, assumindo o enfrentamento do problema como um compromisso da gestão.

“Isso implica pensar em qual é o papel da escola e da educação na desconstrução desse racismo estrutural, porque o racismo se organiza a partir de um conjunto de valores e crenças sobre a população negra”, apontou Alexsandro Santos, diretor-presidente da Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo, em [entrevista](#) ao site do Instituto Unibanco. “Para desfazer esse conjunto de valores e crenças, é preciso que se mova uma intencionalidade educativa, que passa pela escola e que deve estar presidida por uma visão antirracista, por uma visão comprometida com a desconstrução desses valores, crenças e comportamentos”.

E isso, segundo Santos, implica que as escolas tenham um real compromisso com a educação antirracista e saiam da lógica do que ele chama de pedagogia de eventos, em que o tema do racismo só aparece nas datas festivas, como o Dia da Consciência Negra, 20 de novembro. O primeiro passo nesse sentido é rever o projeto político pedagógico da escola, para que ele passe a abordar a existência do racismo estrutural no Brasil e seus impactos na formação dos estudantes e tenha uma posição clara sobre o racismo. “É impor-

tante que a escola faça uma autoavaliação institucional de todo o seu funcionamento se perguntando se as práticas de trabalho, as práticas pedagógicas e as práticas de gestão estão orientadas por uma perspectiva antirracista”, explica o especialista.

AVALIAÇÃO E PLANO DE AÇÃO

A escola pode fazer esse processo de avaliação institucional aplicando os Indicadores da Qualidade na Educação – Relações Raciais na Escola, desenvolvidos pela Ação Educativa. Trata-se de uma metodologia que permite à comunidade escolar avaliar suas práticas em relação às relações raciais e desenvolver de forma coletiva e participativa ações para construir de fato uma educação antirracista, que promova a igualdade. Para isso, aborda desde atitudes e relacionamentos e currículo até a atuação dos profissionais de educação e gestão democrática, entre outras questões.

“É preciso ter um diagnóstico muito claro da situação das relações raciais na escola. Isso passa por atitudes e relacionamentos, o que exige uma discussão sobre a gestão democrática e a relação que a escola estabelece com o seu entorno, com os parceiros do território, e seu posicionamento na rede de proteção aos direitos”, explicou Ednéia Gonçalves, coordenadora executiva da Ação Educativa, em [entrevista](#) ao site do Instituto Unibanco.

Atualmente, a metodologia está sendo implementada na rede estadual do Maranhão. Entre 2017 e 2018, a Secretaria Estadual de Educação de Minas Gerais, com apoio do Instituto Unibanco, adotou os indicadores como parte do projeto UBUNTU/NUPEAAs, que incentivava a iniciação científica no Ensino Médio para estimular a reflexão sobre a temática étnico-racial e a inclusão dos jovens negros no mundo acadêmico.

Na Escola Estadual José Luiz de Carvalho, de Ribeirão das Neves, na região metropolitana de Belo Horizonte (MG), participante do projeto, a partir do diagnóstico realizado, a instituição se posicionou e começou a abordar em sala de aulas os temas identificados como importantes. “Esse trabalho com os indicadores ajudou a melhorar nossa relação com a comunidade escolar, porque as pessoas puderam pontuar se já tinham sofrido racismo, como elas viam o papel do negro na escola e outras questões”, conta Ronildo Silva, professor de História e vice-diretor da escola.

A escola também desenvolveu um projeto de iniciação científica com os alunos do Ensino Médio no quilombo Irmandade do Rosario de Justinópolis, localizado na mesma cidade. Eles realizaram uma pesquisa com três benzedoras e escreveram vários artigos sobre a questão da religiosidade, o papel dessas mulheres no quilombo e uso de plantas medicinais, além de participar do Congresso Nacional de Pesquisadores/as Negros/as (Copene), onde apresentaram o resultado final do trabalho.

IDENTIDADE E EMPODERAMENTO

No Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT) Campus Pontes e Lacerda-Fronteira Oeste, uma das ações realizadas para combater as desigualdades raciais na escola foi a participação no Projeto Afrocientista. Promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), pelos Núcleos de



“É importante que a escola faça uma autoavaliação institucional de todo o seu funcionamento se perguntando se as práticas de trabalho, as práticas pedagógicas e as práticas de gestão estão orientadas por uma perspectiva antirracista.”

Alessandro Santos, diretor-presidente da Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo

Estudos Afro-brasileiro – NEAB e entidades correlatas, seu objetivo é despertar a vocação científica e incentivar talentos entre estudantes negros e negras matriculados em escolas de Ensino Médio, por meio da sua participação em atividades de pesquisa científica ou tecnológica.

Seis estudantes negras do 2º ano do Ensino Médio foram selecionadas pela escola para participar da 2ª edição do projeto. Segundo a coordenadora pedagógica da instituição, Anne de Matos Souza Ferreira, as ações pedagógicas desenvolvidas no decorrer do projeto contribuem para viabilizar o protagonismo das afrocientistas e favorecem a valorização da identidade negra e o sentimento de pertencimento das estudantes na instituição.

“A ênfase dada à necessidade de discussões sobre racismo, preconceito e discriminação no âmbito escolar foi recorrente no discurso das estudantes negras, o que evidenciou o potencial transformador desse projeto no seu processo formativo”, afirma. “Há ainda a questão de as afrocientistas atuarem como agentes multiplicadoras, identificada no discurso das estudantes. Elas mencionam que, a partir das aprendizagens construídas no decorrer do projeto, é possível ajudar outras pessoas a entender o que é racismo e como as desigualdades raciais se estruturam em nossa sociedade, por exemplo nas escolhas das profissões e na inserção no mercado de trabalho”, completa.

“A minha inserção no projeto é um estímulo para eu não desistir dos meus objetivos. Os conhecimentos adquiridos eu vou levar para a minha vida pessoal e profissional”

Istefani Oliveira Rodrigues (aluna do IFMT)

Além de iniciativas como as descritas, existem diversas publicações, ferramentas e materiais disponíveis para apoiar os gestores na implantação de uma educação antirracista de fato nas escolas (confira no Para saber mais).



PARA SABER MAIS

- **Coleção Educação e Relações Raciais.** Ação Educativa (2013).
bit.ly/EducacaoRelsRaciaisAcaoEd
- **Coleção Gestão Escolar e Relações Étnico-Raciais.** Em Debate/ Observatório de Educação (23/03/2020).
bit.ly/GestaoRelsRaciaisObservIU
- **Escola para Todos: Promovendo Uma Educação Antirracista.** Planos De Aula Comentados. Fundação Telefônica Vivo (17/09/2021).
bit.ly/EscolaparaTodosTelefonica
- **Ensino antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares.** Universidade Federal de Viçosa, Editora Fi (2021).
bit.ly/EnsinoAntirracista_UFV
- **Gestão da Educação para a Equidade Racial.** Itaú Social (15/06/2021).
bit.ly/GestaoEquidadeRacial_Itau
- **Como colocar em prática a educação antirracista na sua escola.** Centro de Referências em Educação Integral, (11/02/2021).
bit.ly/EducAntirracista_EdIntegral

Aprendizagem em Foco é uma publicação quinzenal produzida pelo Instituto Unibanco. Tem como objetivo adensar as discussões sobre o contexto educacional brasileiro, a partir de pesquisas, estudos e experiências nacionais e internacionais.

Para fazer algum comentário, envie um e-mail para: instituto.unibanco@institutounibanco.org.br

Para ler as edições anteriores, acesse: bit.ly/aprendizagem-foco

Produção editorial: Redação Carmen Nascimento; Edição Antônio Góis e Fabiana Hiromi;
Projeto gráfico e diagramação Estúdio Kanno; Edição de arte Fernanda Aoki

